



## ASPECTOS SOCIAIS E PSICOLÓGICOS DA BAIXA VISÃO

Artigo de Rita Lobo \*

Um dos primeiros contatos que o ser humano tem com o mundo exterior é quando, ao nascer, ele abre os olhos pela primeira vez. Com a visão, obtemos uma grande quantidade de informações em um tempo extremamente curto. Ela é fonte de aprendizagem, de desenvolvimento, de prazer. É também fundamental para garantir o nosso direito de ir e vir. A quantidade de visão limita inclusive o universo das escolhas e dos desempenhos profissionais e é o sentido humano que permite mais rapidamente a aprendizagem de informações e, segundo pesquisas, cerca de 85% das informações que recebemos diariamente é absorvida através dela.

A visão constitui um sentido importante para a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento nos primeiros anos de vida. É a partir deste sentido que a criança imita e aprende, por exemplo. A relação entre a maturação neurológica, o meio ambiente e as relações afetivas e emocionais são fatores que contribuem para as conquistas e primeiras aquisições. Nesse processo, o sentido da visão fornece à criança a percepção rápida e imediata das informações e é um grande integrador destas, para a construção do conhecimento que a criança faz do mundo.

As crianças com baixa visão têm alterada a sua forma de perceber-se e relacionar-se com as pessoas, de perceber o ambiente e relacionar-se com ele. A redução visual interfere como a pessoa percebe a si mesma, seu corpo no espaço e no próprio ambiente ao redor. Com a perda parcial da visão ocorrerá uma nova organização sensorial, na qual os demais sentidos irão tornar-se referência preponderante na percepção.

Nas relações interpessoais, as expressões faciais e as dicas corporais constituem elementos importantes na comunicação e contato. As pessoas com baixa visão veem parcialmente e têm grande dificuldade de ver detalhes, além disso, a longa e meia distâncias praticamente percebem apenas os contornos. Esta redução de contato visual poderá despertar diversos sentimentos, tais como: sentir-se sem interlocutor ou inseguro com relação às reações do outro, se apreciam ou não o que está sendo dito, se entendem ou não, entre outros.

Na família e na escola é muito importante estimular e incentivar a criança a reconhecer suas potencialidades, mecanismos adaptativos e habilidades para lidar com as perdas ocasionadas pela deficiência. Deve-se procurar ao máximo oferecer um ambiente que provoque a



curiosidade dela e que propicie o conhecimento e inter-relacionamento constante com objetos, pessoas e ambientes diversos. Incentive-a nos usos das linguagens corporal e oral contextualizadas com o ambiente, de uma maneira lúdica e divertida, propiciando aprendizagem e desenvolvimento de forma natural e com significação.

Não evite falar sobre a perda e sobre a deficiência em si. É um engano pensar que a criança não sente ou não percebe o que ocorre com ela. Aborde sempre o assunto de maneira objetiva, ressaltando as possibilidades que ela virá a ter em seu desenvolvimento.

**(\*) Rita Helena Costa Lobo**

Psicóloga na Fundação Dorina Nowill para Cegos; Psicóloga pela PUC-SP; Especialista em Neuropsicologia pela UNIFESP.